

A difícil arte de estudar

ERIKA KLINGL
DA EQUIPE DO CORREIO

O número de alunos na sala de aula na turma do primeiro ano do ensino médio, letra A, do Colégio Estadual Novo Gama, pode enganar. O diário escolar com a chamada dos estudantes também. Os dois dão a impressão de que a frequência é alta e, principalmente, de que não houve abandono escolar no ano letivo de 2007. Com apenas 17 anos, Bruna Carolina Barbosa Ribeiro é a prova de que a realidade é diferente do que se lê em documentos. O nome de Bruna continua na chamada, mas ela está cada vez mais longe dos bancos de escola.

Em fevereiro, ela era uma das mais assíduas alunas da turma. Os meses foram passando e Bruna se cansou da falta de professores para matérias importantes como física, história e biologia. "Dava um desânimo ir para o colégio e não ter aula. Comecei a desistir e resolvi dar valor para a minha vida prática. Tenho casa para arrumar e marido para cuidar", comenta. No meio do ano, Bruna trocou de turno. Saiu da manhã e passou para a aula noturna. Com a mudança, começou a procurar emprego. Não conseguiu, justamente, por falta de formação. "Quero ser secretária, mas o mercado cobra estudo. Quem sabe no ano que vem faço um curso", lamenta. E admite: "Estou matriculada, mas falta muito e chego atrasada na escola. Estou por um fio e acho muito difícil passar de ano. A não ser que o professor de matemática tenha pena de mim".

No início do ano letivo, na primeira reportagem da série (veja reproduções) que investigou as causas da crise no ensino público, o *Correio* esteve na sala da jovem e denunciou a falta de professores. Na última matéria da série, voltamos à escola. Pouca coisa mudou. Dos 34 alunos que assistiam às aulas naquele dia, 14 de fevereiro de 2007, apenas 22 estavam em sala, esta semana. Além de Bruna, outros estudantes trocaram de turno, de escola ou abandonaram o aprendizado. É o caso do jovem Jefferson Brás, de 18 anos. Um dia, ele simplesmente deixou de ir à escola. Os colegas contam que ele desistiu. A direção da escola não foi nem informada da decisão.

Apesar do baixo número de alunos que permaneceu estudando, desde o início do ano, a sala de aula do 1º ano A está cheia. De acordo com o diretor do colégio, Gilvan Feitosa, a rotatividade dos alunos é uma marca do público do Entorno do Distrito Federal. O fenômeno traz novos estudantes mas com níveis diferentes de aprendizagem — o que acaba complicando ainda mais a rotina da escola. No esforço de driblar os problemas, tanto os professores quanto a direção da escola investiram, no decorrer do ano, na reconquista dos estudantes. Desejavam que eles ganhassem mais estímulo para desenvolver as atividades escolares com mais empenho e com isso mantê-los em sala de aula.

Mudanças

Desde setembro, quando assumiu a direção, Gilvan organizou a semana do folclore, a feira de ciências e palestras sobre doenças sexualmente transmissíveis e violência. O que ocorre no colégio do Novo Gama,

localizado — a menos de 50km do centro do poder — é a síntese do desafio do ensino público. Após a universalização do ensino fundamental e a expansão significativa do ensino médio, a evasão escolar e o alto índice de repetência são as novas preocupações de especialistas e autoridades. Engana-se quem pensa que o drama está restrito a essa escola e ao Entorno.

Considerando-se todo o Distrito Federal, a repetência média da rede de ensino pública é de 16,3% dos alunos no ensino fundamental, e de 20,4% no médio. O abandono é mais baixo, mas não menos preocupante: 3,1% e 10,2%, respectivamente. A solução, pensa Daniel Cara, coordenador da organização não-governamental Campanha Nacional pelo Direito à Educação, é investir na qualidade do ensino oferecido às crianças e adolescentes em todos os níveis. "Os professores devem ser bem pagos e ter boa condição de trabalho. A escola deve estar preparada para receber os alunos com as diferentes demandas e a família precisa participar do sistema como um todo", explica.

Sem o apoio dessas políticas, o sucesso dos alunos pode ficar comprometido ou depender de um esforço maior dos estudantes. Janaína Silva, de 18 anos, continua na turma de primeiro ano. E vai passar sem a necessidade de fazer recuperação. "O esforço para competir com estudantes de escolas do Distrito Federal é grande. Nem sempre a gente entende o que os

professores explicam porque faltou base na formação que recebemos desde crianças", argumenta a jovem. Hoje, ela é assídua frequentadora da biblioteca e sonha em estar na Universidade de Brasília (UnB) no prazo de dois anos. Apesar disso, Janaína não se inscreveu no Programa de Avaliação Seriada, principal porta de entrada de alunos do ensino médio na instituição.

Oportunidade

Assim como ela, a maioria da turma também não. Luana da Silva, de 16 anos, resume o motivo da falta de interesse em concorrer ao PAS: "A inscrição é cara". Mas agora ela tem uma chance: o governo local e a UnB vão financiar a matrícula para estudantes da rede pública. A mãe da adolescente é funcionária pública na prefeitura do Novo Gama e, com o pouco salário, sustenta os cinco filhos. "Como vou pedir para ela tirar mais de R\$ 50 do dinheiro de casa para pagar um exame desse?", pergunta.

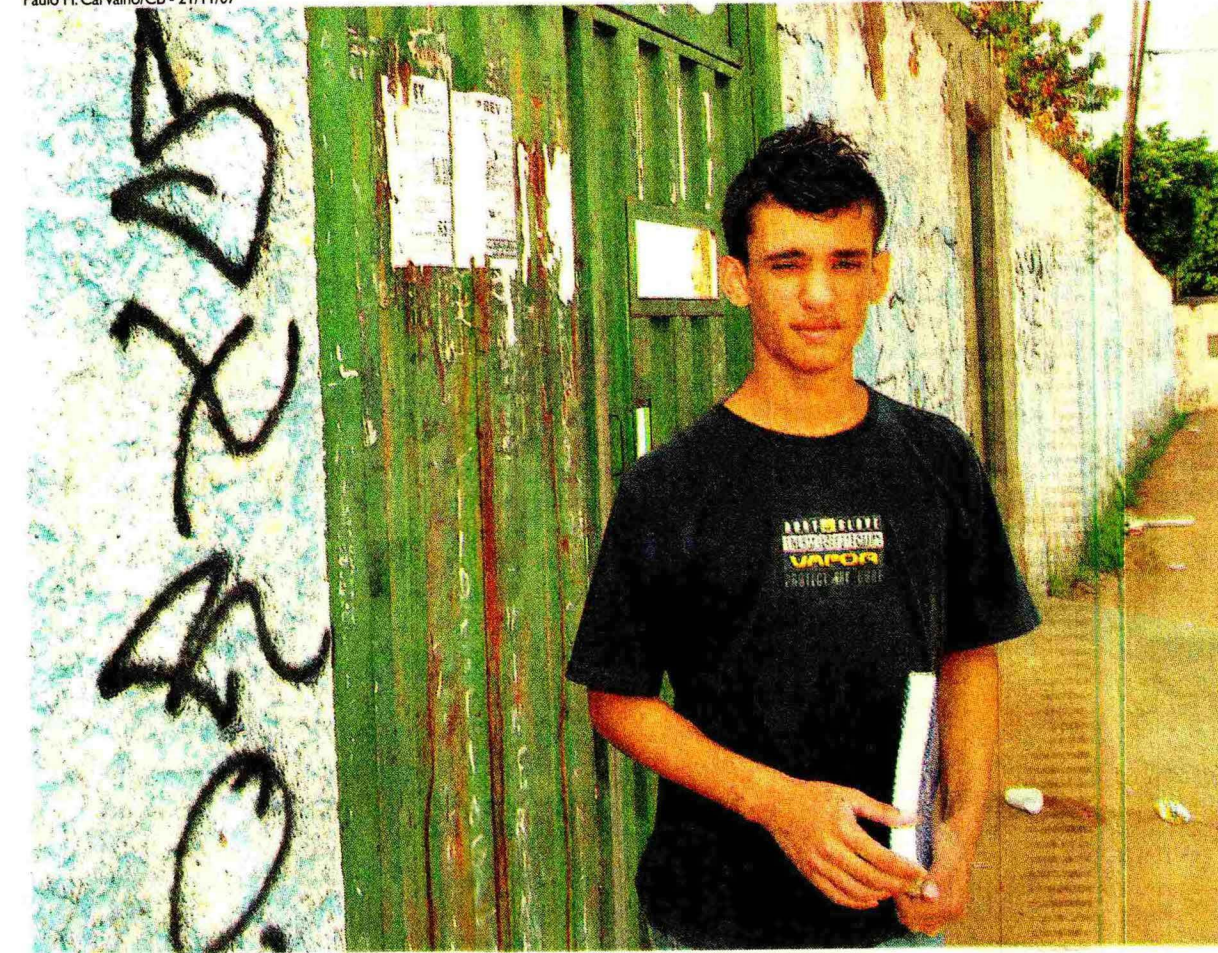
Raciocínio parecido passa pela cabeça dos amigos Luiz Alan, 18 anos, e Diego Gomes, 16. "A gente perdeu mais de um mês de aulas por causa de uma greve na rede. Por mais que agora os professores se esforcem para repor o conteúdo aos sábados, a gente ficou no prejuízo", comenta Diego. A greve não frustrou apenas os alunos. Os professores ficaram 45 dias sem trabalhar e não conseguiram melhorar a condição salarial. Além disso, eles lamentam a falta de interesse de parte dos alunos e pais. De vez em quando, no entanto, aparecem alunos que deixam os professores e colegas cheios de esperança. No 3º ano do ensino médio, Arthur Muniz, de 17 anos, ganhou o concurso da UnB de melhor redação do município. O tema era futuro. "Escrevi sobre as nossas opções de vida que nem sempre estão em nossas mãos", comenta. "Na vida, a gente tem 100 caminhos para escolher, decide por um e vive para sempre a nostalgia dos outros 99", conclui, com sabedoria.

Paulo H. Carvalho/CB - 21/11/07



O SONHO
JANAÍNA É A SÍNTESE DE VIDA DE MUITOS ALUNOS: QUER ESTUDAR, PASSAR NO VESTIBULAR, MAS AS DIFICULDADES DO COTIDIANO FAMILIAR IMPEDEM SUAS REALIZAÇÕES

Paulo H. Carvalho/CB - 21/11/07



Trabalho, o inimigo nº 1

É a crônica da tragédia anunciada. Em março, o professor Francisco Zagari, do Centro de Ensino Fundamental 4, do Guará, disse ao *Correio* que metade dos alunos da 5ª série do período noturno teriam desistido até novembro, fim do ano letivo. Os estudantes são mais velhos e estavam, nas primeiras semanas de aula, apostando que 2007 seria o ano que eles conseguiriam cumprir a promessa de levar os estudos adiante.

Dos 45 alunos matriculados na turma — com ida-

des entre 16 e 65 anos —, cerca de 20 deixaram: ir à escola. O abandono é lento. Cansados, eles demoram um mês de estudos para o próximo ano. Ou paunanca mais. "Agora, no início da semana, a gente já vê uns 25 colegas na sala. Na quinta e na sexta, o mero não passa dos 15", comenta Francenilda Zacas de Souza, conhecida como Duda. A turma foi te da segunda matéria da série sobre crise nas escolas denunciou a falta de transporte.

No início do ano, imaginava-se que o principal problema era a falta de transporte, já que boarte dos estudantes deste turno, no CEF 4 do Guamarã na Vila Estrutural. Não havia, até março, ônibus escolar para os alunos do ensino regular. A pr da matéria do *Correio*, a Secretaria de Educação popularizou os veículos. "Mesmo com o ônibus, a situação se manteve alta. Ficou provado que vir pa es-

Breno Fortes/CB - 25/4/07



A INCLUSÃO
OS PAIS DE TALITA, FERNANDA E DAVID, QUE NECESSITAM DE ATENÇÃO ESPECIAL, PODEM RESPIRAR ALIVIADOS: A ESCOLA PÚBLICA ONDE ESTUDAM VAI MANter PEDAGOGOS

NA VIDA, A GENTE TEM 100 CAMINHOS PARA ESCOLHER, DECIDE POR UM E VIVE PARA SEMPRE A NOSTALGIA DOS OUTROS 99

Arthur Muniz, de 17 anos, do 3º ano do ensino médio do Colégio Estadual Novo Gama

cola e voltar é apenas um dos problemas de todo o sistema de ensino", argumenta Zagari. "O cansaço, a violência e os problemas da vida acabam se sobressaindo ao sonho de estudar."

Duda resolveu lutar contra o destino e se nega a todo custo a abandonar os estudos mais uma vez. Mas, mesmo ela, admite que a tentação é grande. "É difícil trabalhar o dia inteiro e ainda ir para a escola deixando meus filhos sozinhos em casa", comenta. Além disso, ela lamenta que o transporte ainda deixa a desejar. "O ônibus escolar não entra na Estrutural. Todo mundo desce na frente do posto policial e cada um vai para casa", conta. Duda caminha sozinha por cerca de 25 minutos até chegar em casa. "Isso, em dia que não está chovendo, porque quando eu tenho que desviar da lama e das poças, aí de-moro bem mais", comenta. (EK)

Uma denúncia que deu certo

O início do ano não prometia boas notícias para os pais de Talita, 5 anos, David Guilherme Santos e Fernanda Souza, ambos com 7 anos. As três crianças, todas com necessidades especiais, corriam o risco de perder o atendimento diferenciado oferecido pela Secretaria de Educação para os estudantes da Escola Classe da 208 Sul. As salas de apoio — com pedagogos especializados em ensino especial e inclusão — representavam a síntese de uma escola para todos. Mas, com o remanejamento de docentes do início do ano, o colégio iria perder o benefício porque o número de crianças com deficiência era menor do que 15 alunos.

A ameaça foi denunciada pelos pais das três crianças na terceira reportagem da série sobre crise no ensino público. Mais uma, estava em risco a qualidade do ensino e o conceito de que a sala de aula não pode mais se resumir a lápis, caderno, giz, lousa e professor. Deve ser o lugar da diversidade, uma vez que o aprendizado depende da atenção à necessidade de respeitar o ritmo e observar a capacidade de cada um, no lugar de enfatizar as limitações. Para os surdos, língua de sinais; para os que não se mexem, comunicação alternativa; para quem demora a aprender, jogos coloridos e muita repetição; para os cegos, braille; e assim por diante.

Para alívio de Andressa Dias de Jesus, 47, mãe de Talita, com Síndrome de Down, o risco acabou. A sala foi reaberta e já houve confirmação de que a professora Mônica Moreira Diniz será mantida no ano que vem. "As salas de apoio foram mantidas e as crianças estão se desenvolvendo cada vez mais com a atenção diferenciada", afirma a professora.

Passado o primeiro ano escolar de Talita, a sala de apoio fez muita diferença na vida da menina do Jardim 1. Ela passou a interagir com os colegas de turma e a família. Afinal, foi lá que aprendeu a falar papai e mamãe. Os avanços comprovaram que o esforço de Andressa foi recompensado. Ela mora em uma fazenda após São Sebastião e acorda de madrugada. De ônibus, gasta ao menos uma hora todos os dias para chegar à escola. Nas quatro horas de atividades escolares de Talita, Andressa espera o fim da aula.

Assim como Talita, David e Fernanda, 13,615 alunos têm necessidades especiais no DF, de acordo com dados do Ministério da Educação. A manutenção das salas de apoio, segundo Mônica, é a prova de que o DF está no caminho certo. (EK)

A REALIDADE



Março - Sem transporte

Até o mês de março, os estudantes do ensino fundamental no Guará sofriam para ir e voltar da escola no turno da noite. A maioria deles mora na Estrutural e depende de caronas e lotações irregulares para continuar estudando.



Maio - A desigualdade

Apesar dos números da universalização do ensino, pelo menos 35 mil meninos e meninas moradores do DF estavam fora da escola em maio. Diferenças sociais são apontadas por especialistas como principal causa da exclusão.



Setembro - A violência

Tornar a escola um lugar onde os alunos possam voltar a sorrir, estudar e acreditar em um futuro melhor tem sido um dos grandes desafios dos professores que atuam no Distrito Federal e enfrentam um duro cotidiano.



Outubro - Mais participação

É comprovada a diferença no desempenho de crianças e adolescentes quando a família demonstra interesse pela vida escolar dos filhos. Em colégios das áreas mais carentes do DF, a dedicação pode ser a chave para o futuro.